

EVOLUÇÃO DOS CUSTOS COM MÃO DE OBRA NA CAFEICULTURA BRASILEIRA

O Brasil está em plena safra cafeeira, com a colheita iniciada no final de abril e previsão de se estender até o início de agosto, podendo ultrapassar esse período em algumas regiões. Essa etapa concentra grande parte da demanda por mão de obra e representa um dos principais componentes do custo de produção, exigindo planejamento e gestão eficientes por parte dos produtores.

A mão de obra é, historicamente, um dos principais componentes do custo de produção da cafeicultura, especialmente em sistemas de colheita manual ou semimecanizada. A tendência observada nas últimas safras é de aumento da participação dos gastos com mão de obra na composição do custo operacional efetivo (COE), especialmente no período da colheita, quando há maior necessidade de contratação de trabalhadores temporários.

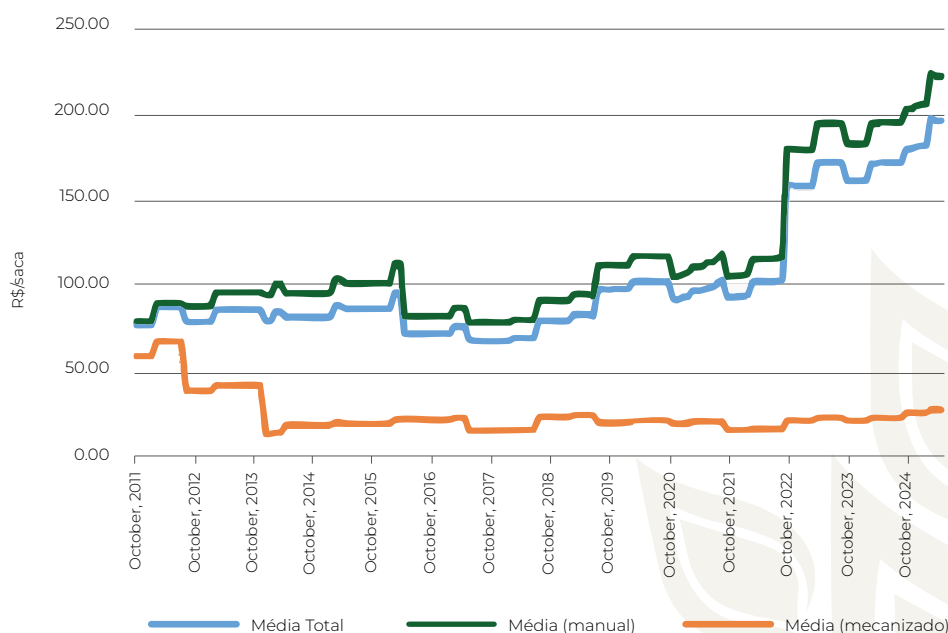


Gráfico 1: Evolução da participação dos desembolsos médios por saca, da mão de obra da colheita, por categoria – comparativo entre os períodos de levantamento.

Fonte: Projeto Campo Futuro. **Elaboração:** CIM/UFLA.

Nas regiões onde a colheita é predominantemente manual ou semimecanizada — como em áreas de relevo acidentado — a força de trabalho se organiza de acordo com o porte da propriedade, disponibilidade regional e características socioeconômicas. Os principais modelos observados incluem:

- **Safristas:** trabalhadores temporários contratados especificamente para o período de colheita;
- **Mão de obra fixa:** empregados permanentes da propriedade, deslocados temporariamente para a atividade de colheita;
- **Mão de obra familiar:** comum em pequenas propriedades, com envolvimento direto do núcleo familiar;
- **Parceria (meeiro):** arranjo em que o trabalhador atua em troca de parte da produção ou pagamento proporcional, sem vínculo empregatício direto.

A escolha do modelo interfere na dinâmica operacional, na composição dos custos e na capacidade de gestão da equipe durante o pico da safra.

Os dados levantados pelo Projeto Campo Futuro em 2024 evidenciam variações expressivas na participação da mão de obra nos custos operacionais entre diferentes regiões produtoras. A seguir, apresenta-se uma tabela com os percentuais de participação da mão de obra total, da mão de obra dedicada à colheita e dos safristas no custo operacional efetivo (COE).

A tabela permite observar que, em municípios com forte dependência da colheita manual, como Piatã (BA) e Manhumirim (MG), os custos com mão de obra representam mais de 40% do COE. Em contrapartida, regiões com maior nível de mecanização, como Monte Carmelo (MG), apresentam percentuais inferiores a 10%.

Tabela 1. Participação da Mão de Obra Total, Mão de Obra da Colheita e Safristas no COE (%), por município – 2024.

Cidade	Mão de Obra Total	Mão de Obra Colheita	Safrista
Total Piatã	53%	41%	36%
Manhumirim	45%	32%	30%
Brejetuba	63%	28%	10%
Capelinha	42%	27%	25%
Itabela	42%	26%	21%
Cacoal	38%	25%	24%
Guaxupé	37%	24%	21%
Poço Fundo	46%	24%	20%
Santa Rita do Sapucaí	41%	24%	15%
Londrina	47%	22%	16%
Jaguaré	45%	19%	16%
Caconde	27%	13%	9%
Cachoeiro do Itapemirim (parceria)	66%	9%	0%
Franca (mecanizado)	18%	4%	3%
Monte Carmelo (mecanizado)	8%	3%	1%

Fonte: Projeto Campo Futuro **Elaboração:** CIM/UFLA

Com o avanço da safra 2025, os levantamentos realizados até o momento apontam um aumento médio de 50% no preço médio pago pela “medida” — unidade de remuneração utilizada para o pagamento propor-

cional à quantidade colhida. Esse reajuste reflete a menor oferta de trabalhadores, o aumento da concorrência por mão de obra nas regiões produtoras e a valorização do café no mercado.

O gráfico a seguir apresenta a evolução dos valores médios pagos por medida (60L) na colheita do café entre 2020 e 2025. Observa-se um crescimento acumulado de 322% no período, com destaque para os anos de 2022, 2024 e 2025, quando ocorreram os maiores incrementos percentuais. A única retração foi registrada em 2023, ano marcado por menor valorização do grão. A análise

histórica permite contextualizar o aumento recente nos custos com mão de obra, situando-o em um processo contínuo de reajuste observado desde o início da atual fase de alta dos preços do café. Em 2025 elevação é significativa em praticamente todas as regiões, com destaque para Caconde (SP), que apresentou aumento superior a 55%.

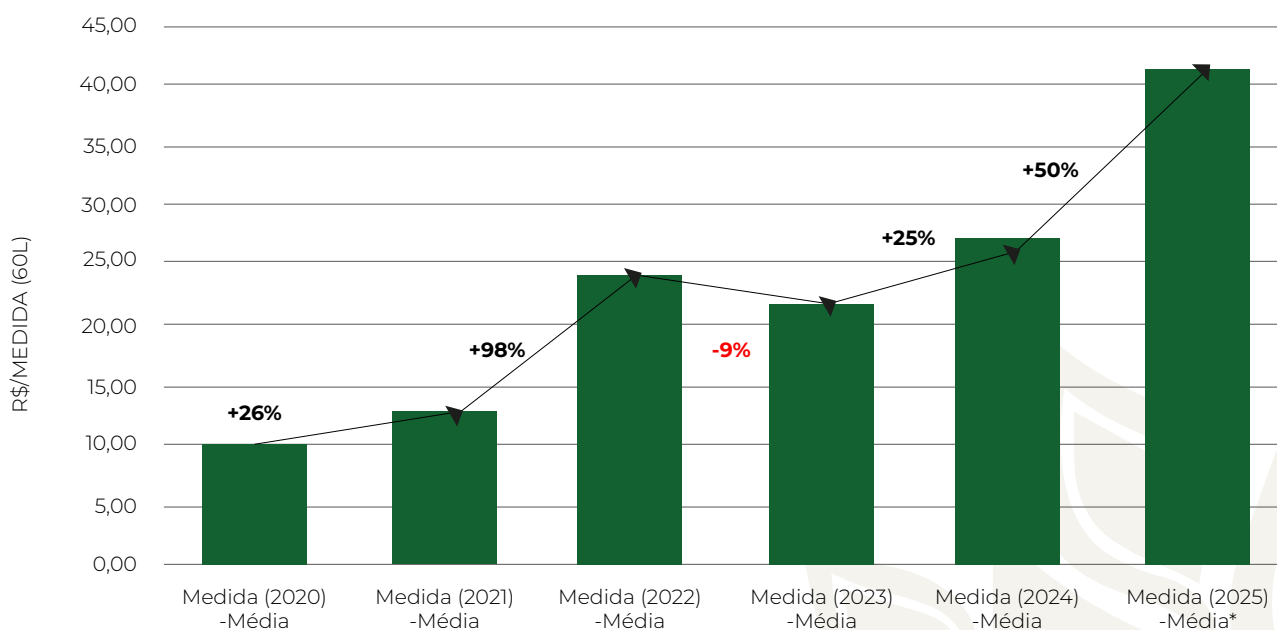


Gráfico 2: Variação (%) do valor médio da medida paga ao safrista – 2020 a 2025.

Fonte: Projeto Campo Futuro. Elaboração: CIM/UFLA.

Nota: * médias parciais com base nos dados disponíveis até maio de 2025.

O impacto da elevação no valor da medida sobre o custo de produção depende diretamente da produtividade da lavoura. Em áreas de maior produtividade, o custo por saca tende a ser diluído, enquanto lavouras com menor rendimento sentem mais intensamente o efeito do aumento.

Adicionalmente, há um fator climático que pode afetar a rentabilidade da colheita em 2025. O veranico registrado em fevereiro comprometeu o enchimento dos grãos em diversas regiões, o que pode resultar em grãos mais leves e menor rendimento na bica corrida. Mesmo com preços valorizados, o retorno financeiro da safra pode ser afetado.

Diante do cenário de elevação nos custos e limitações para contratação de mão de obra, é importante que os produtores considerem estratégias que possam contribuir para a organização mais eficiente da colheita e para a contenção de gastos operacionais. Entre as alternativas que podem ser adotadas, destacam-se:

- **Antecipação da contratação de safristas**, com o objetivo de garantir disponibilidade de mão de obra antes do período de maior demanda regional;

- **Estabelecimento de acordos coletivos e negociações locais**, que podem proporcionar maior previsibilidade nas condições de contratação e remuneração;
- **Avaliação da viabilidade de mecanização parcial**, por meio de tecnologias acessíveis como derriçadeiras manuais ou colhedoras adaptadas a terrenos menos acidentados.
- **Avaliação e tomada de decisão quanto a continuidade de talhões** pouco produtivos e de difícil mecanização parcial ou total.

A adoção dessas medidas depende das características específicas de cada propriedade, incluindo topografia, escala de produção, disponibilidade de capital e estrutura de gestão. Sua implementação deve ser avaliada à luz do custo-benefício e da capacidade operacional do produtor.

A colheita é uma das etapas mais intensas da atividade cafeeira, exigindo mobilização de recursos humanos e financeiros em curto período. A alta nos custos com mão de obra, aliada à dificuldade de formalização das contratações, exige atenção tanto do setor produtivo quanto do poder público.

Além disso, a diversidade de contextos produtivos observada entre os municípios levantados demonstra que o tipo de condução da colheita tem relação direta com os custos da mão de obra por saca colhida. Em sistemas manuais e semimecanizados, especialmente em lavouras de arábica localizadas em regiões montanhosas, os custos tendem a ser mais elevados, como é o caso de Poço Fundo, Piatã e Brejetuba. Os menores custos foram verificados em propriedades mecanizadas ou em regiões produtoras de conilon/robusta, como Franca, Monte Carmelo, Cacoal e Jaguaré, cujas características agronômicas ou estruturais favorecem maior rendimento operacional e menor dependência de mão de obra intensiva.

Esses dados reforçam a necessidade de avaliação, por parte dos produtores, das práticas e tecnologias viáveis para melhorar a eficiência da colheita e reduzir seus custos unitários. Em muitos casos a reavaliação de talhões pouco produtivos ou a reorganização da logística de colheita podem representar ganhos significativos. Mais do que adotar um modelo idealizado, o objetivo deve ser a adaptação consciente e progressiva da estrutura de produção, de forma compatível com os recursos disponíveis e com o potencial produtivo da lavoura.